Jean Dimech-Juchniewicz

ENFRENTANDO A **INFERTILIDADE**

Uma abordagem católica

Paulinas

Prefácio

Se você fosse visitar uma cidade estrangeira, não gostaria de poder contar com um guia que vivesse nela e falasse o idioma local? Casais adentrando no novo e desafiador mundo da infertilidade são como viajantes em uma terra distante. Jean Dimech-Juchniewicz viveu nesse lugar e fala a língua dos casais que enfrentam a infertilidade. Além disso, ela nos traz a beleza e a paz da sabedoria católica.

Casais que sofrem de infertilidade encaram espera, decepção e falsas promessas. Eles precisam tanto de cuidados físicos quanto espirituais. Jean sofreu, analisou as possíveis intervenções e enfrentou as difíceis experiências da infertilidade. Ela foi curada e sabe como alcançar a cura. Este maravilhoso livro indica o caminho da cura de uma gentil, gradual e sensível maneira. Explica a bem-sucedida abordagem que une a doutrina católica com o melhor que a ciência da medicina tem a oferecer.

A autora apresenta a Tecnologia de Procriação Natural (*NaProTechnology*). Essa nova abordagem procura identificar as causas basilares da infertilidade e conduz uma pesquisa para encontrar os mais seguros e efetivos tratamentos. O local de origem dessa pesquisa é o Instituto Papa Paulo VI para o Estudo da Reprodução Humana em Omaha, Nebraska (EUA). Eu fiz um treinamento lá em

1988, e tenho aplicado sua pesquisa com casais em New England desde então. As taxas de sucesso do Instituto Papa Paulo VI duplicaram aqui e no resto do mundo.

Um estudo conduzido na Irlanda mostrou que a *NaPro-Technology* curou pelo menos tantos se não mais casais que os centros tecnológicos de reprodução artificial, por um custo menor, e sem a tragédia de congelar ou descartar embriões.[1] E esses resultados foram alcançados em uma população mais desafiadora que aquela típica dos centros de fertilização *in vitro* (FIV).

A beleza está no fato de que tais métodos naturais conduzem a gestações que ocorrem através do ato de amor entre marido e esposa, usualmente um embrião por vez, em um útero restaurado e saudável, sem técnicas *ex vivo* (fora do organismo). O distúrbio que impedia a gravidez é curado e, então, os médicos empenham-se em preservar essa pessoa recém-concebida desde os primeiros momentos de sua existência.

Como resultado, a taxa de abortos da *NaProTechnology* é muito menor que na FIV. De acordo com seus próprios dados, os centros de FIV nos EUA perdem em média 6,7 embriões para cada bebê nascido. Isso significa que eles perdem mais de seis irmãos para cada parto, e isso

---

[1] Joseph B. Standford, MD, et al. Outcomes from Treatment of Infertility With natural Procreative Technology in an Irish General Practice [Resultados do tratamento de infertilidade com Tecnologia de Procriação Natural em uma clínica irlandesa). *Journal of the American Board of Family Medicine* 21, n. 5 (set.--out. 2008): 375-384. Disponível em: <http://www.jabfm.org/cgi/content/abstract/21/5/375>.

contando apenas os embriões que chegam a ser implantados! Uma análise não publicada dos meus dados sobre o mesmo período de tempo revela que eu perdia apenas 0,07 embriões (infelizmente) para cada criança nascida. O que revela uma diferença de 96 vezes entre as perdas da FIV e da *NaProTechnology*. Isso é que é cuidado médico pró-vida!

Jean Dimech-Juchniewicz compreende tudo isso. Ela consultou sua consciência e estudou os maravilhosos ensinamentos da Igreja Católica. Como uma mulher que não só sofreu as perdas da infertilidade, mas também experimentou as alegrias e preocupações da gravidez e da adoção, ela é a guia ideal para compreender como os ensinamentos da nossa Igreja podem ajudar os casais, e mesmo o sistema médico em si, a tratarem essa tribulação chamada infertilidade. Tais ensinamentos, juntamente com o tratamento quando necessário, podem auxiliar os casais a realizar seus desejos sinceros – primeiro do amor conjugal e segundo de formar uma família de um jeito puro e moralmente lícito –, conforme a vontade de Deus.

Quando meu filho adolescente soube que eu estava revisando este manuscrito, ele perguntou: "O que é um manuscrito?". Eu lhe disse: "Este é o segundo rascunho de um novo livro para casais com problemas de fertilidade. A editora me pediu para escrever o prefácio do livro". Então, como só um estudante do Ensino Médio faria, ele perguntou: "O que é um prefácio?". "É uma breve introdução explicando quão bacana é o livro", eu respondi.

Em poucas palavras, este é um livro "muito bacana" e abrangente. Eu sonhava em escrever um livro assim para meus pacientes de infertilidade e casais que não sabiam o que fazer. Entretanto, tenho certeza de que Jean Dimech-Juchniewicz realizou um trabalho bem melhor do que eu teria feito.

Ela respondeu ao chamado de Deus, não apenas acolhendo e criando seus três filhos, mas também dedicando seu tempo a escrever estas palavras maravilhosas de sincera sabedoria. Uma bela administração dos seus dons.

Que Deus abençoe seu casamento (ou seu ministério), e eu agradeço profundamente a Jean Dimech-Juchniewicz e às Irmãs Paulinas por fornecer este recurso a vocês.

Paul A. Carpentier, MD, CFCMC[2]

---

[2] Dr. Paul A. Carpentier, MD, é presidente da American Academy of Fertility*Care* Professionals. Ele atua como consultor médico certificado em Fertility*Care* em Gardner, Massachusetts, e é vice-presidente da Worcester Guild da Associação Médica Católica. Foi um dos primeiros médicos familiares treinados pelo Doutor Hilgers no Instituto Papa Paulo VI para os Estudos da Reprodução Humana em 1988. Sua clínica se chama In His Image Family Medicine [À sua imagem – Medicina Familiar].

Apresentação à edição brasileira

Ler *Enfrentando a infertilidade: uma abordagem católica* reavivou em mim algumas dores vividas e também alguns caminhos já percorridos. Mas também me conduziu a um maior entendimento da fé com esperança, proporcionando reflexão importante sobre o significado de verdadeiramente se entregar aos caminhos de Deus. O texto é extremamente envolvente. Não conseguia parar de lê-lo, mesmo entre muitas lágrimas, tamanha identificação que senti com minha trajetória pessoal e profissional.

A infertilidade é como a travessia de um deserto, de um lugar de abandono, de um momento no qual o casal se sente suspenso na vida, sem conseguir progredir em seus planos, sonhos e objetivos. Percebemo-nos fora do mundo, marginalizados, excluídos de fases que amigos nossos ou parentes estão passando, excluídos dos eventos sociais e dos problemas corriqueiros discutidos em rodas de conversa. Sentimo-nos ignorados numa dor surda e solitária...

As pessoas que nos amam, na maioria das vezes, não conseguem imaginar a profundidade da angústia de uma doença que não mata o corpo físico, mas que atinge a

alma e esmigalha o coração. Não percebem o sofrimento da ausência de um filho que, para elas, nunca existiu.

Os sentimentos de incompreensão e solidão são potencializados quando a sociedade e a ciência colocam como opção resolutiva os métodos artificiais de reprodução assistida. E nós caímos nessa tentação, submetendo-nos a diversos tipos de procedimentos. Os resultados aparentemente são promissores, mas a forma como esses tratamentos são apresentados pela mídia, de maneira geral, não mencionam todo o custo para o casal, além do desgaste financeiro, físico e emocional.

As pessoas imaginam uma solução fácil, como se gerar um filho fosse encomendar um produto numa loja. Esperam um resultado de 100% já na primeira tentativa, quando as estatísticas apontam que, na verdade, as chances não passam de 50% em cerca de 3 tentativas. Isso sem mencionar as questões éticas que, por conveniência, são esquecidas ao longo dessa caminhada. Como, por exemplo, o que fazer com os embriões que não foram transferidos para o útero? Congelar? Descartar? Doar para outro casal ou para pesquisa? E quantos embriões morrem até que um consiga sobreviver a todo esse processo e chegue a uma gestação de termo?

Segundo o Sistema Nacional de Produção de Embriões (SisEmbrio), o 7º relatório elaborado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aponta que em 2013 o

Brasil mantinha cerca de 38 mil embriões congelados em clínicas de reprodução assistida. Já o 9º relatório, referente ao ano de 2015, mostra que em dois anos esse número chegou a 67.359 embriões congelados. Um aumento de 77,26% em apenas dois anos.

Não são aglomerados de células. São vidas congeladas, às quais, pelas normas do Conselho Federal de Medicina, depois de cinco anos é preciso dar um destino... Novamente a questão ética se impõe: que destino?

Outro dado a que a maioria dos casais não se atenta, é que o número de embriões transferidos, 73.472, conforme informado ao Sistema Nacional de Produção de Embriões no ano de 2015, chega muito próximo ao número de embriões descartados, 56.067. Ainda mais alarmante é que a quantidade de embriões gerados não se equipara ao número de gestações que foram a termo e de bebês nascidos vivos! Um trabalho publicado na revista *Human Reproduction* em 2006 evidencia a proporção de quantas vidas se perdem para que se consiga uma: "Obtiveram-se 368 embriões normais. Transferiram-se [para o útero das pacientes] 331 [embriões] e tornaram a ser congelados os 37 restantes. Dos 331 transferidos, conseguiram implantar-se adequadamente 145 [embriões]. Finalmente obtiveram-se 18 gestações (12,4%), das quais 12 pacientes deram à luz 13 crianças sadias. No primeiro trimestre, ocorreram 6 abortos (33%)" (*Human Reproduction*, 21; 370, 2006, in

Aceprensa 3-6-V-06, Panorama, p. 8.) Em resumo, de 368 embriões normais, conseguiram-se apenas 13 crianças nascidas vivas (3,53%), o que é realmente catastrófico. Vale qualquer coisa para ter um filho biológico?

Pergunto-me se os casais que optam por entrar no processo de reprodução assistida têm de fato consciência de que, para se obter um bebê, um filho, 28 embriões em média morrem entre as inúmeras tentativas que são feitas.

Ainda assim, com todas essas questões, sendo médica e católica, submeti-me a esses tratamentos e levei tempo para entender o tamanho do meu egoísmo e da minha imaturidade... Tivemos que passar por toda a dor das tentativas frustradas e buscar refúgio e entendimento nas encíclicas *Humae Vitae* e *Donum Vitae*, e na *Teologia do Corpo*, de São João Paulo II. Foi uma longa caminhada que só passou a fazer sentido quando deixei Deus me conduzir e mostrar seus planos para mim.

O meu próprio percurso na estrada da infertilidade possibilitou-me entender melhor os desejos e as angústias dos casais que passam por essa dificuldade e, assim, hoje, posso acolhê-los ainda melhor.

Essa experiência levou-me a conhecer, como paciente e como ginecologista obstetra, o método natural de planejamento familiar *Creighton Model System* (CrMS), e a *NaProTechnology*, ciência médica aplicada ao ciclo fértil da mulher. Estudar o *CrMS* e a *NaPro* e disponibilizá-los

para os casais aqui no Brasil trouxe a infindável alegria de me sentir instrumento da vontade de Deus e de seus planos. Mesmo que pessoalmente ainda seja dolorida e não resolvida a questão da maternidade, minha infertilidade e o sofrimento que vem com ela, sem dúvida, acabaram revelando na minha vida um propósito muito maior.

Quando fui apresentada ao *CrMS*, enquanto usuária do método, percebi a verdadeira forma de usar o livre-arbítrio, exercido com responsabilidade. Aprendi que cada casal é chamado a se tornar cocriador do Reino de Deus e não "árbitros", como quando se opta por um método de reprodução artificial para gerar a vida.

O *Creighton Model System* e a *NaProTechnology* são exemplos de uma resposta da Igreja e da ciência para ajudar os casais com problemas de fertilidade a engravidar através do ato conjugal, e não de métodos de reprodução artificial.

Ao longo desses anos me senti sozinha e incompreendida por diversas vezes e a presente obra dá voz a todos esses sentimentos confusos, profundos e solitários, auxiliando, além dos próprios casais que sofrem com a infertilidade, os familiares e amigos, diretores espirituais e profissionais da área de saúde a lidarem melhor com essa questão tão delicada. Por fim, este livro ajuda especialmente os católicos que se querem manter fiéis ao Magistério da Igreja, viver na plenitude a construção da sua família a partir de uma sexualidade conjugal plena e encontrar pistas para muitas

de suas dúvidas e anseios. Auxilia também na busca da fé com esperança, nos dando a perseverança necessária para permanecermos na caminhada com Cristo e trabalharmos a entrega à vontade de Deus cada vez mais.

Obrigada, Angelique Ruhi-Lopez e Carmen Santamaría, pelo belíssimo testemunho e trabalho desenvolvido, e a Bruno Linhares por ter traduzido o livro, disponibilizando o acesso desta obra maravilhosa a tantos casais brasileiros que sofrem de infertilidade.

Carolina Delage, MD, CFCMC[1]

---

[1] Ginecologista obstetra certificada pela *American Academy of FertilityCare Professionals*.

CAPÍTULO 1

Esperando fecundidade

Tua esposa será como uma vinha fecunda
no interior de tua casa;
teus filhos, como brotos de oliveira
ao redor de tua mesa.
(Salmo 127[128],3)

Sempre quis ser mãe. Também queria que minha vida profissional estivesse bem estabelecida antes de ter filhos. Uma vez que já tinha uma posição estável na minha carreira de engenheira e meu marido e eu estávamos casados, pensamos que tudo se encaixaria em seu lugar. Desejávamos pelo menos uma menina e um menino. Não importava a quantidade de crianças que tivéssemos que gerar para conseguirmos um de cada, e qualquer tempo extra que levasse para construir essa família seria um acréscimo à nossa felicidade. Pelo menos esse era o nosso plano.

Começamos a tentar engravidar. Depois de um ano sem sucesso, isso passou a nos preocupar. Minha ginecologista recomendou que fôssemos a um especialista em fertilidade para

descobrir o motivo. Após alguns meses fazendo exames, nós estacamos em uma “infertilidade sem explicação”. Isso não era uma resposta e fez o processo todo ser muito mais frustrante.

Com a ajuda de nosso especialista em fertilidade, nós concebemos duas vezes durante o ano seguinte. Ambas as gestações acabaram em aborto espontâneo. O segundo exigiu uma recuperação de seis meses. Uma vez que atingimos o fundo do poço, parecia que fosse demorar uma eternidade até tentarmos novamente, mas, por fim, nós tentamos. Todo mês eu esperava pelo resultado final para me manter motivada e tentava permanecer otimista. A cada mês ficava mais difícil ter esperança, mas não tínhamos outra escolha.

Os últimos três anos foram como um passeio numa montanha-russa emocional. Finalmente, nós concebemos e eu estou agora com vinte e oito semanas de gravidez – bem à frente do ponto das perdas anteriores. Andamos pisando em ovos desde que descobrimos a gravidez, mas cada dia dela tem sido uma bênção. Toda a tristeza valeu cada segundo.

– M. C.

Muitas pessoas começam a vida de casada com uma excitante lua de mel – talvez passeando por uma praia do Caribe ou percorrendo a Europa. Poucas são as que preveem infertilidade, embora mais de um em cada dez casais eventualmente enfrentem essa dor e encontrem-se nesse deserto.

Podemos ter passado nossa infância brincando de ser mamães e papais dos nossos bichinhos de pelúcia e bonecas. Quando atingimos a adolescência, talvez até comecemos a sonhar com nossos futuros filhos. Talvez escolhamos seus possíveis nomes ou vislumbremos futuras bailarinas e atletas. Com o amadurecimento da relação com nossos próprios pais, passamos a pensar que tipo de pais queremos nos tornar um dia.

E então ficamos noivos. Se casamos na Igreja Católica, concordamos em aceitar os filhos que Deus nos der e criá-los em nossa fé. Muitos casais acreditam que não terão dificuldades em engravidar e dar à luz crianças saudáveis. Afinal, vimos muitos de nossos parentes e amigos se tornando pais sem qualquer esforço. E aí entramos em uma das fases mais excitantes de nossos casamentos. Desejando nos tornar pais, começamos a jornada antecipando o sucesso. Agora o futuro sonhado está ao nosso alcance. Já podemos praticamente sentir o gostinho da paternidade. Podemos até ter reservado um quarto para o bebê, começado a pintar ou estar sonhando com as roupinhas da última moda. Mas então, no limiar dessa empolgação e esperança, o desapontamento desfere seu golpe esmagador.

Meses se passam sem que nada aconteça. Ou talvez a gravidez termine em um aborto espontâneo. Talvez exista uma criança esperando se tornar um irmão ou irmã mais velha, que não entende por que a espera parece não ter

fim. Independentemente de como vier, a infertilidade envolve uma perda muito real. Embora os casais certamente sintam essa perda num nível emocional, às vezes pode ser difícil determinar a causa. A jornada da infertilidade pode ser tão permeada de "e se" e "talvez se" e "só mais um ciclo" que pode parecer que nunca termina. Perguntamo-nos se haverá um momento de seguir adiante. É duro encarar a meta cobiçada como uma possível perda, quando estamos freneticamente nos agarrando à esperança.

Mesmo no caso de um aborto espontâneo, em que uma pessoa de verdade morre – não importando o quão pequenina era –, muitos casais lutam com a ideia de que eles realmente se tornaram pais daquela criança. Sua incerteza não é sanada quando bem-intencionados, mas equivocados, médicos lhes dizem que "ainda não era *exatamente* um bebê", mesmo com nossa fé católica ensinando que uma única e insubstituível vida humana é criada por Deus no momento da concepção. Muitos católicos que passam por tal experiência consolam-se na esperança de que um dia encontrarão seus filhos no paraíso.

Independentemente das causas médicas subjacentes, a infertilidade talvez seja um dos exemplos mais dolorosos de sofrimento humano. Nossa presente inabilidade de conceber uma criança, de manter uma gravidez e dar à luz um bebê saudável atinge o cerne do nosso ser. Fomos criados para "crescer e multiplicar". Fomos feitos para desejar filhos. Estamos intimamente comprometidos a cooperar com Deus na criação de novas vidas. É simplesmente como